

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Martin Scorsese, Entre a Raiva e o Silêncio

18 de Setembro de 2026

A PERSONAL JOURNEY WITH MARTIN SCORSESE THROUGH AMERICAN MOVIES / 1995

um filme de Martin Scorsese (e Michael Henry Wilson)

Realização: Martin Scorsese, com a colaboração de Michael Henry Wilson

Argumento: Martin Scorsese e Michael Henry Wilson **Imagem:** Jean-Yves Escoffier, Frances Reid, Nancy Schreiber **Montagem:** Kenneth Levis, David Lindblom / Com as presenças de: Martin Scorsese, Kathryn Bigelow, Francis Ford Coppola, Brian De Palma, André De Toth, Clint Eastwood, Jodie Foster, Carl Franklin, George Lucas, Gregory Peck, Arthur Penn.

Produção: B.F.I. – British Film Institute, Miramax Films (Reino Unido) **Produtor:** Florence Dauman **Cópia:** do B.F.I., em DCP, cor e preto e branco, versão original em inglês com legendas electrónicas em português **Duração:** 220 minutos. **Primeira apresentação pública:** Televisão, Reino Unido, 21 de Maio de 1995 **Primeira exibição na Cinemateca.**

Nota: Intervalo – o filme será projetado com intervalo de 10 minutos, que acontecerá entre a 2ª e a 3ª parte, ficando as duas primeiras partes com a duração de 2h28 e a terceira com 1h12.

Uma monumental história do cinema americano com mais de três horas, escrita e narrada por Martin Scorsese, cujo argumento o realizador partilhou com o historiador Michael Henry Wilson. Mas as palavras ditas por Scorsese são assumidas na primeira pessoa, enquadrando assim a criteriosa selecção de imagens e de sons em que se revelam extraordinários momentos de cinema. Uma “jornada” em três partes que começa pelos filmes que mais marcaram o nosso narrador quando começou a ver cinema em criança, contando-se entre eles títulos inesperados como **Duel in the Sun** (1946), de King Vidor. Sobre a sua relação com o cinema em criança, recomendamos o filme que dedicou a Elia Kazan (**A Letter to Elia**, 2010), que mostraremos noutra sessão nestes dias, em que Scorsese refere o importante papel das salas de cinema e dos filmes como escape para um mundo diferente daquele em que vivia num bairro pobre em Nova Iorque.

Aborda-se na primeira parte de **A Personal Journey** a ideia do realizador enquanto contador de histórias e os vários géneros da época do cinema de ouro em Hollywood (o western, os filmes de gangsters, o musical...), para depois recuar na segunda parte, às origens do cinema e aos seus grandes inventores/“ilusionistas”, de Buster Keaton, a D. W. Griffith ou Cecil B. DeMille. Trata-se de uma história do cinema americano, mas de uma história muito pessoal, com toda a

subjectividade que se assume no título, que salienta os filmes de maior relevo, mas põe a seu lado outros mais obscuros, o “lado B” dessa mesma história.

Cat People, de Jacques Tourneur, é apresentado como uma conquista paralela a **Citizen Kane**, de Orson Welles, mesmo se não vemos imagens deste último, e tal não deixa de ser surpreendente, pois ficam-nos na memória os magníficos planos de **Cat People** ou de **I Walked with a Zombie**, e o modo inventivo como Tourneur fez muito com muito pouco, em filmes de baixíssimo orçamento em que percebeu a importância das sombras e do seu teatro. “The less you see, the more you believe.” Foi esse um dos ensinamentos que tirou de tais filmes, realizados por um dos seus “mestres”, que procurou sempre preservar uma certa liberdade dentro de um sistema extremamente rígido.

Scorsese detém-se no modo como os grandes realizadores lidam com as conquistas e os avanços do cinema, seja pela natural invenção associada ao período do mudo, em que destaca o papel da montagem paralela de Griffith ou o modo como recorre às diferentes escalas de planos, seja pelos usos dramáticos da cor, ou do Scope. É surpreendente o papel que se atribui a um filme como **Cat People**, mas é igualmente digno de nota o destaque que dá a **Duel in the Sun**, filme que viu ainda muito novo, em companhia da sua mãe. Toda a tensão erótica e o excesso de uma relação passional condenada à partida eram algo de misterioso para uma criança, mas também algo de incrivelmente forte. “I guess she used me as an excuse to see it herself...”, diz sobre a sua mãe.

Fala-nos deste, como nos fala de outros filmes que mais o marcaram ao longo da sua carreira. Fala-nos dos filmes de Kazan, ao mesmo tempo que convoca depoimentos de outros importantes realizadores e actores como Francis Ford Coppola, George Lucas ou Gregory Peck. Mas também de Orson Welles que, em entrevista, nos refere que teve em **Citizen Kane** – o seu pecado original – uma liberdade que nunca mais encontrou em nenhum outro filme, “Eu sempre gostei muito de Hollywood, mas não foi recíproco”, diz-nos com ironia.

Cinéfilo e grande conhecedor da história do cinema, Scorsese fala-nos sempre a partir da posição do realizador, que associa a quatro grandes características, que corresponderão aos capítulos do filme: os “narradores”, os “ilusionistas”, os “contrabandistas”, que escondem a subversão nos seus filmes de baixo orçamento e os “iconoclastas”, que atacam as convenções de modo mais explícito, comprometendo com frequência as suas carreiras; Charles Chaplin, Erich von Stroheim, Orson Welles, Elia Kazan, Nicholas Ray, etc.

Encomendado pelo British Film Institute no âmbito das comemorações do centenário do cinema, **A Personal Journey With Martin Scorsese Through American Movies** foi o filme que abriu um filão, pois a ele se segue a longa viagem pelo cinema italiano (**Il mio Viaggio in Italia**, 1999). Um tributo de um cineasta a tantos realizadores a quem agradece, que como ele lutaram ou “lutam por impor a sua visão do mundo e do cinema”.

Joana Ascensão